

A ÉTICA NA PESQUISA EM SAÚDE – A PERCEPÇÃO DE CORPO DA MENINA DE RUA

Candido J. Flauzino - PsicoEthos
Fabiana W. Jacopucci - PsicoEthos

Resumo

Abstract

Introdução

Apresenta-se neste trabalho uma pesquisa sobre ética, que faz parte de um projeto do PEM – Pesquisa e Estudos Merleau-Pontyanos. Os membros deste núcleo estudam as idéias de Maurice Merleau-Ponty com o propósito de traduzi-las em termos da Educação e da Saúde no âmbito da Pesquisa Qualitativa.

A grande contribuição de Merleau-Ponty para as citadas áreas de pesquisa deve-se ao fato de que ele aprofunda o estudo fenomenológico da percepção humana em termos da nossa constituição de mundo, ou seja, em termos do *corpo-próprio*. Oportuniza-se, com isto, uma compreensão genuína do humano e conseqüentemente uma nova compreensão da construção do conhecimento humano. (www.sepq.org.br/PEM).

Ao fazê-lo, compreende-se que a região de inquérito originou-se dos costumes e comportamentos nos âmbitos do subjetivo, intersubjetivo e do objetivo, que delineiam aspectos sócios, políticos, culturais e científicos e o quanto têm contribuído para o avanço das pesquisas orientadas pelas idéias do filósofo norteador do núcleo.

Neste artigo serão explanados o modo de proceder da pesquisa através dos fundamentos, procedimentos e análise compreensiva que possibilitará o desvelamento do sentido de como tem se revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de Merleau-Pontu.

Explicitação da Pergunta Norteadora

A partir das discussões realizadas pelos membros do grupo PEM, surgiu a interrogação: “*Como tem se revelado a ética em pesquisas orientadas pelas idéias de Merleau-Ponty?*”. Entretanto, faz-se necessário compreender o sentido atribuído ao ato de pesquisar, entendido não como compreensão de um problema e sim como apreensão das possibilidades de desvelamento do fenômeno; em que perspectivas ele se manifesta e qual a sua dimensão.

“... pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais... A interrogação mantém-se viva, pois a compreensão do que se interroga nunca se esgota”. (Bicudo, pg. 08, 2005).

Neste questionamento, no interrogar há uma aproximação e distanciamento do fenômeno a partir da pergunta norteadora, que neste trabalho ela foi elaborada da seguinte forma: “*Como se dá a Ética na Concepção de Corpo da Menina de Rua?*”.

Para tanto, é importante conceituar a ética, entendida aqui não pelo senso comum, predominantemente relacionada aos direitos dos cidadãos. E sim, uma ética compreendida como filosofia moral, construída racionalmente a partir da reflexão sobre valores, princípios; aumentando o conhecimento sobre nós mesmos, ou seja, o sentido para o que somos e o que fazemos. (Cortina & Martinez, 2001).

O termo moral é caracterizado neste trabalho como substantivo, pois se refere à ciência que trata do bem em geral e das ações humanas, propiciando a construção de doutrinas morais, na tentativa de sistematizar um conjunto concreto de princípios, normas, preceitos e valores. A moralidade presente no trabalho será compreendida como: “... *sistema regulador da vida coletiva por meio de mores, isto é, dos costumes e dos valores de uma sociedade, numa época determinada*”. (Chauí, pg. 347, 2005).

As funções da ética, segundo Cortina & Martinez (2001), são: esclarecer o que é moral (modo de ser), fundamentar a moralidade e aplicar nos diferentes âmbitos da vida social os resultados obtidos pelos dois itens anteriores; estabelecendo uma moral crítica, racionalmente fundamentada e libertadora por se apropriar do sentido de vida; o que possibilita um sujeito ético moral: “... *que sabe o que faz, conhece as causas e os fins de sua ação, o significado de suas intenções e de suas atitudes e a essência dos valores morais...*” (Chauí, pg. 341, 2005).

Procedimentos e seus Fundamentos

O método fenomenológico propõe um retorno à “*coisa mesma*” como um caminho que permite a compreensão da realidade em sua dinamicidade e a existência de um ser humano que é atribuidor de significados. Pelo referencial teórico adotado, a trama existencial deve ser estudada e compreendida na situação vivida sem, porém, buscar relacionar fatos em termos causais, mas sim desvelá-los.

Na pesquisa fenomenológica, o pesquisador está voltado ao fenômeno a ser investigado, de forma a não considerar os pressupostos prévios sobre o tema. Por meio dos relatos é possível cada participante expressar o significado do que é por ele vivido. Tal expressão consiste em relatar de forma natural e espontânea a situação experienciada. (MARTINS & BICUDO, 1994).

Nesta pesquisa nos apropriamos da Hermenêutica Filosófica, proposta por Gadamer, que realiza uma investigação fenomenológica que coloca em “*epoché*” os fenômenos, compreensão e a maneira de interpretar expressas historicamente.

O modo de proceder deste método possibilita a compreensão e interpretação das obras humanas que se dá na estrutura da pergunta e da resposta, originando a autêntica conversação que tem em seu bojo o modo de ser das presenças. (Kluth, 2005).

Sendo assim, ela designa a mobilidade fundamental da presença, entendida por Heidegger como a abertura que possibilita a identidade e a diferença, pois o homem ao conquistar assume o seu ofício de ser; o qual perfaz sua finitude e historicidade. A partir daí abrange o todo de sua experiência de mundo. O estudo do fenômeno na Hermenêutica é justamente este reconhecimento da verdade que se dá a partir da experiência da presença.

Como experimentador, ou melhor dizendo, experienciador, o homem toma consciência de sua finitude, ele encontra seu limite no poder fazer e na razão planificadora. A autêntica experiência é, assim, experiência da própria historicidade que para alcançar a autenticidade terá que refletir a estrutura geral da experiência, aquilo que tem a ver com a tradição. No entanto, a tradição é um acontecer que se possa conhecer pela experiência direta, ela é linguagem e fala por si mesma. (Kluth, 2005, pg. 39).

É na experiência que se dá o perguntar que tem um sentido, uma direção, em que “*o interrogado ao ser perguntado é visto sob uma determinada perspectiva*”. (Kluth, 2005, pg. 40). A dialética é justamente a estrutura da experiência, na qual a pergunta conduz a um diálogo autêntico, revelando a estrutura da pergunta e da resposta como compreensão ao encontro da verdade; esta entendida como o desvelar de sentido. E a filosofia hermenêutica Gadameriana possibilita compreender a ética e moralidade como tradição, inserida na historicidade humana.

Kluth (2005), nos coloca que a estrutura da pergunta e da resposta possibilita o diálogo autêntico, pois os interlocutores: pergunta e resposta não se ignoram na conversação (diálogo autêntico), eles revelam a estrutura de pergunta e de resposta como compreensão; já que a maneira de interrogar, segundo Fini (1994), é uma forma de buscar conteúdos ou características gerais do fenômeno, experiências.

Como dado histórico, podemos citar Gadamer *In Kluth* (2005), o qual nos coloca que a interpretação, a partir do século XVIII, não se limita somente a aspectos gramaticais, ela passa a abranger também os aspectos históricos e seus contextos. E, segundo as idéias de Schleiermacher *In Espósito* (1991), a tarefa hermenêutica é o transcender a linguagem e aproximar-se do pensamento do autor, o que possibilita a vinculação de todas as individualidades, dando origem ao método. A compreensão só é possível a partir de um movimento circular, podendo, às vezes, até levar a uma melhor compreensão de um autor melhor que ele próprio ter-se-ia compreendido, chegando a compreender a intenção inconsciente daquele autor.

Descrição da dissertação

A dissertação intitulada como: “*O Significado do Corpo para a Menina de Rua*”, refere-se à experiência da autora como psicóloga do Projeto: “*Menina Mulher*”, prestando assistência às meninas de rua, no qual a demanda era a discussão sobre a sexualidade; havia uma dificuldade em falar sobre o próprio corpo, seja nas relações afetivas como nos cuidados à própria saúde.

Na vivência cotidiana com as meninas de rua, surgiram angústias, questionamentos e a necessidade de compreender o mundo-vida-adolescente e o que é para elas o corpo. Nesta caminhada, CASTRO volta-se para a sua experiência com a adolescência, seja no seu adolecer, o de suas filhas, tendo em seu bojo inquietações, dúvidas como medo de olhar-se no espelho, entre outros. Surge então, a necessidade de compreender o mundo-vida-adolescente, enfatizando a corporiedade. Quais os sentimentos e significados do corpo para a menina de rua a partir da própria vivência?

CASTRO norteou-se através da pergunta: “*Qual o significado de corpo para a menina de rua?*”. A análise compreensiva dos discursos de seus seis sujeitos (meninas de rua), revelou a presença de sentimentos contraditórios como gostar e desgostar, vergonha, medo aceitação e posse; resignação com o corpo, percepção do mesmo em alguns casos como incompleto e outros como completo; preocupação em preservá-lo, compreendendo-o como objeto para ser mostrado; percepção deste ser

diferente dos demais; falta de conhecimento sobre ele; preocupação em cuidar dele; reconhecimento da capacidade reprodutora como importante e as dificuldades econômicas atuando como agentes limitadores da percepção integral corpórea.

Neste ir e vir nos discursos das meninas de rua, revelaram-se algumas categorias agrupadas em dois momentos:

1. Estado de Alienação do Corpo da Menina de Rua apresentado por:

- a) *Ambivalência de Sentimentos*: gostar e não gostar, querer e ir contra seu modo de ver e sentir pelo conflito entre o corpo idealizado e o corpo vivido. Tal situação pode ser entendida como certa dificuldade de apropriar-se do próprio corpo e da vida.
- b) *Conformismo*: observado como estado de alienação, não podendo questionar o corpo que tem, uma aceitação não pela consciência e sim pela resignação; propiciando a impessoalidade frente a corporalidade.
- c) *Relação Parcial com o Corpo*: este percebido como reunião de partes e não expressando o encontro com o outro. Esta fragmentação impede o apropriar-se.
- d) *Desconhecimento*: sentimento de distancia e dificuldade de se aproximar do corpo, o que ocasiona a falta de conhecimento do ser-aí.
- e) *Vergonha*: o que mais aparece nos discursos, vergonha do que sou, dificuldade de entrar em contato com o corpo.
- f) *O Corpo para o Outro*: objeto para ser olhado e avaliado pelo homem, o outro dá o significado do meu corpo.
- g) *O Corpo Incompleto*: sensação de falta, incompletude; como corpo inacabado.
- h) *Exclusão*: um saber que lhe é negado, sensação de não pertença.
- i) *Ausência de Posse do Corpo*: *a consciência de possuir um corpo fica comprometida pelas condições de não poder vivenciá-lo na sua totalidade.* (CASTRO, 1995, p.115).

A história de vida vem impregnada de exclusão e resistência que apontam, talvez, a necessidade de fazer 'poiesis' em Psicologia: Psicologia: ser-com a menina de rua na autenticidade e centrar a atuação profissional no existir humano, na solicitude. Entendendo que isso implica em sair da solidão e participar com-o-outro na busca de transformação, possibilitando que a menina de rua saia do silêncio imposto pela exclusão social, ampliando seu espaço vida. (CASTRO, 1995, pg. 123).

2. “Ser em Propriedade”, construindo e habitando o mundo.

- a) *A Posse do Corpo*: reconhecimento do corpo como proximidade, familiaridade e abertura ao ser-aí-no-mundo.
- b) *O Corpo Completo*: integração do corpo - uma relação afetiva.
- c) *A Relação com o Corpo*: abertura de continuidade da vida a partir dele; corpo vivido e experienciado.
- d) *O Cuidado*: maneira de se responsabilizar à presença do próprio ser, tentativa de sair da impessoalidade.

O corpo deixa de ser apenas massa física, passando a ser um nó de significações, a abertura, o projeto que se aponta para o vir-a-ser, o

estar em impropriedade, mas podendo optar por viver em propriedade, construir e habitar o mundo...”. (CASTRO, 1995, pg. 124).

Análise compreensiva

O fenômeno da dissertação revela que a desapropriação do corpo não acontece por déficit intelectual e sim pela falta de referência do corpo integral, ocasionando um distanciamento de si, pois as relações interpessoais estabelecidas na vida destas meninas originam a construção da imagem corporal e da maneira como se relacionam com este corpo.

“A percepção do corpo pela menina de rua está comprometida por ser apreendido enquanto partes, desintegrado, como coisa entre outras coisas e não como presença, como próprio, o corpo encarnado veículo de comunicação com o mundo”. (CASTRO, 1995).

Para estas meninas, o corpo aparece como algo obscurecido, com o qual a adolescente mantém uma relação parcial, distante, revelando uma imagem corporal fragmentada. A concepção deste se mostra pelo estado de alienação do corpo e da possibilidade de apropriação do mesmo, ou seja, conforme os valores morais de cada uma delas, influenciados pelo contexto bio-psico-social.

A moralidade presente denota para a apropriação da existência. Assumir-se como um indivíduo que tem direitos e deveres e que em seu bojo estão as escolhas realizadas na vida. Ao atribuir os juízos de valores como gostar ou não gostar, bonito e feio, completo e incompleto entre outros observados na fala dos sujeitos da dissertação, fez-se necessário reconhecer-se como existente, ou seja, como um ser lançado num mundo já dado provocando um sentimento de pertencença ao mundo, percebendo-se como parte integrante deste.

Reconhecendo quem sou é que tenho condições de realizar minhas escolhas plenamente; contudo, quando me distancio do próprio referencial, me ALIENO de mim mesmo. Com o auxílio do léxico, obtenho o significado de alienar como tornar alheio, ceder, transferir; e o de alheio como o que não é nosso, distraído, não informado. E instaura-se um paradoxo: como posso me distanciar de mim mesmo? Não me reconhecer como próprio?

A impessoalidade tem imperado na concepção de existência destas meninas, desencadeando sentimentos de exclusão, não aceitação, resignação em que o outro é apreciador do corpo e não elas mesmas. E a ética merleau-pontyana reforça à apropriação da existência a partir da compreensão de que somos um corpo e não que temos um corpo. O valor é atribuído à percepção, à prevalência do ser e não do ter. *“O corpo é veículo do ser no mundo, e Ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se ao meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles.” (Merleau-Ponty, 1999, p.122)*

Ele deixa de ser um amontoado de órgãos para expressar o modo-de-ser-no-mundo, as experiências do mundo-vida: *“Considero meu corpo, que é meu ponto de vista sobre o mundo, como um dos objetos desse mundo.” (Merleau-Ponty, 1999, p.108).* Nós somos o corpo, este assumir-se permite que eu me reconheça como existente, assim como minhas possibilidades, mesmo que limitadas, como no caso das meninas de rua, muitas vezes por questões sócio-econômicas que são fatos reais, mas não excludentes do ser-aí; a possibilidade de escolha permanece. *“Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo.” (Merleau-Ponty, 1999, p.114)*

Bibliografia

BUENO, F. S. Dicionário Escolar da Língua Portuguesa. Ministério da Educação e da Cultura, Rio de Janeiro, 1957.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. Martins Fontes, São Paulo, 1999.